

# SP ‘precisa acordar’ e aproveitar o pré-sal

Fiesp aponta falhas com a competitividade



EDUARDO BRANDÃO  
ENVIADO A SÃO PAULO

“São Paulo precisa acordar. A ficha ainda não caiu sobre as possibilidades do petróleo e gás. No Rio de Janeiro o empresário só respira as expectativas do pré-sal”.

O alerta foi dado pelo diretor do Departamento de Competitividade e Tecnologia da Fiesp, José Ricardo Roriz Coelho, durante o painel *Virando o jogo: como melhorar a competitividade do Polo Industrial de Cubatão*.

Segundo ele, estaleiros e indústrias secundárias da cadeia produtiva petrolífera têm optado por outras regiões do País. Além do Rio de Janeiro, o Rio Grande do Sul e Santa Catarina sabem seduzir os investidores do setor. “Sendo que (o petróleo e o gás) estão aqui à nossa frente. A cada dia que se passa, (as oportunidades) estão saindo de nossas mãos. Até agora, os resultados obtidos em São Paulo são ridículos”.

## PERDA DE COMPETITIVIDADE

Apesar do aumento de renda do brasileiro, nos últimos 15 anos, a indústria nacional cresce aquém das expectativas do setor. Um em cada quatro produtos industrializados vendidos no Brasil tem origem em outro país. Na década passada, a participação de importados era inferior a 10% do volume comercializado no País.

A alta carga tributária, saturação dos acessos logísticos e taxa cambial são apontadas como fatores da falta de competitividade. Coelho sustenta que o Brasil está em situação defasada perante o próprio Brics (sigla em inglês com as iniciais de Brasil Rússia, Índia, China e África do Sul, que identifica as economias emergentes).

Em média, os produtos de nações emergentes são 30% mais baratos que os do Brasil. “É mais barato colocar a matéria-prima brasileira num na-



## Mais caro

**Os produtos de nações emergentes são 30% mais baratos que os manufaturados do Brasil. Segundo a Fiesp, dois quintos do valor dos manufaturados brasileiros estão comprometidos com a carga tributária.**

vio, direcioná-la à China, lá ser transformada em mercadoria, e retornar para cá”.

Segundo ele, dois quintos do valor dos produtos manufaturados brasileiros são para arcar com a carga tributária.

A formação profissional também é citada como entrave. Coelho cita que a cada 100 formandos de nível superior, apenas oito são da Engenharia. “Entre esses, três vão para o mercado financeiro”. Na China, os engenheiros concentram 40% dos universitários.

Para reverter o cenário, Coelho defende robustos investimentos em infraestrutura. Modelo que, segundo ele, foi adotado no Japão, Coreia do Sul e França – que elevaram seus crescimentos a patamares acima da média mundial nas últimas duas décadas. “O Brasil tem condições de competir, desde com matéria-prima adequada e política que seja favorável ao setor produtivo”.



Autoridades e executivos acompanham debates no MegaPolo: com custos nas alturas, produto brasileiro sai mais caro que similar importado



Plataforma de petróleo: São Paulo não está entre estados mais ágeis na atração de fornecedores do setor

## Amarras na economia



**“Estamos numa época a qual se precisa desatar as amarras. Regras mais simples para que as pessoas de bem não tenham tantos obstáculos e possam trabalhar com mais liberdade”**

Paulo Skaf, presidente da Fiesp

## Indústria perde ritmo e preocupa

■ O tímido crescimento industrial no terceiro trimestre preocupa o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Paulo Skaf. Para ele, a elevação de apenas 0,1% do Produto Interno Bruto (PIB) para o setor, divulgada na terça-feira, é fruto da alta carga tributária e da tão citada burocracia brasileira.

Ele cobrou também interferências governamentais a fim de melhorar a competitividade industrial junto ao mercado internacional. Em seu discurso inicial do MegaPolo, Skaf pediu uma completa e ampla revisão das legislações brasileiras.

“A moda está na simplicidade... Estamos numa época em que se precisa desatar as amarras. Regras mais simples para que as pessoas de bem não tenham tantos obstáculos e possam trabalhar com mais liberdade”, afirmou.

Segundo ele, as rígidas exigências ambientais e os longos prazos para obtenção de licenças emperram o crescimento da indústria nacional. “São quatro ou cinco anos (para ter a licença). O certo seria daqui a 90 dias... Temos uma carga burocrática tremenda e não vejo nenhum movimento para se reverter esse cenário”.

Para o diretor do Departamento de Competitividade e Tecnologia da Fiesp, José Ricardo Roriz Coelho, esses entraves inibem o crescimento. “No ano passado, tivemos a mesma produção que tínhamos na década de 1950. Se continuarmos nesse ritmo, o Brasil vai levar mais 40 anos para se um país desenvolvido”.

Skaf citou o modelo de crescimento chinês como paradigma a ser seguido pelo empresário. “Não temos que nos impressionar com as coisas que a China consegue fazer, e sim pelas coisas que não fazemos. Há dois anos, o Brasil era a pérola do mundo, agora toda essa atenção está no México”.

## LOGÍSTICA

O presidente da Fiesp, que cobrou melhoria dos acessos para o escoamento da produção, indicou atraso superior a uma década para o Rodoanel sair da gaveta e questionou as escolhas feitas para o projeto. “Quando se sobrevoa o Rodoanel, é impressionante como a linha férrea para e não segue por aquele caminho já feito. Se o anel ferroviário fosse feito em conjunto, bilhões seriam economizados”.

# Baixa qualificação reduz competitividade do País

■ O mercado absorveu 19 milhões de trabalhadores na última década. O número elevado acende o sinal de alerta para o setor industrial: pesa a falta de formação da mão de obra.

“É como um carro em movimento, mas com o pé no freio. Gera-se calor desnecessário. Em nosso caso, é perda de valor agregado à sociedade”, afirmou Marco Paulo Penna Cabral, diretor da Effectio – empresa associada à Fundação Dom Cabral.

Segundo ele, o Brasil recua há quatro anos consecutivos no ranking mundial de competitividade. Pouco investimento em infraestrutura e baixa qualificação da mão de obra minam a presença brasileira no cenário mundial.

Para o vice-presidente da Unipar Carbocloro, Aníbal do Vale, os entraves à formação profissional colocam emper-

## Brasil fraco para o mercado

**“Estamos hoje na posição (no ranking mundial de competitividade) que ostentávamos em 2009. É um retrocesso”**

Marco Paulo Penna Cabral, diretor da Effectio – empresa associada à Fundação Dom Cabral



ram a expansão do polo. “Está na hora de se ter 50 ou 100 empresas de grande porte (em Cubatão). O desafio é criar con-

dições para atrair empresas. É o caminho para ter o polo mais forte e pujante do que já é”.

Das 57 empresas em

Cubatão, ao menos 25 são de médio e grande porte. Vale sugere a parceria junto à iniciativa privada a fim de atrair cen-

tros de pesquisa para o interior das indústrias. “Parece estranho uma pessoa trabalhar oito horas e precisar subir a serra para melhorar sua formação”.

O secretário de Emprego e Desenvolvimento de Cubatão, Carlos Benicasa, vê inércia do poder público. “Será que a qualificação é ruim ou nós que não soubemos qualificá-las”.

Ele espera reverter esse cenário a partir do próximo trimestre com o Centro Vocacional Tecnológico (CVT). Segundo Benicasa, o CVT está em fase final de conclusão, pronto para receber móveis e equipamentos pedagógicos.

A unidade, voltada à formação de mão de obra especializada e pesquisa para o setor industrial, foi idealizada em 2011. Orçada em R\$ 5,04 milhões, tem investimento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).